

TV Globinho: Ascensão e Declínio da Notícia Educativa na TV¹

Isabela Ruberti

Jurema L. F. Sampaio-Ralha

Rita Ibarra

Resumo

As autoras avaliam a contribuição educativa do programa infantil TV Globinho em sua primeira fase (1977-1983), seu pioneirismo como telejornal feito para crianças e jovens da televisão brasileira. Apontam, ainda, a descaracterização jornalística do programa em sua segunda fase (2000-2005), e com isso o fim das notícias educativas.

A análise sobre as fases de exibição do TV Globinho enfatiza a importância da prática da notícia educativa na TV e faz uma crítica à ausência desta notícia. Por meio de linguagem acessível e exposição didática, a notícia educativa pode oferecer informação e conhecimento para o público infantil e não apenas entretenimento de acordo com os interesses que se inserem na lógica do capital, características que não ficam evidentes para o telespectador infantil ainda muito vulnerável.

Palavras-chave: política, telejornalismo, televisão, educação, criança.

Introdução

Criado em 1977, em um momento importante para a televisão e para o país, o TV Globinho foi o primeiro telejornal para crianças e jovens da televisão brasileira. Em plena época de ditadura militar, era o programa mais engajado do telejornalismo – exatamente porque não tinha censura prévia. É no início dos anos 70 que as emissoras de televisão começam a consolidar uma grade de programação, a televisão em cores é introduzida nos lares e a audiência passa a ser motivo de preocupação para as redes. Também é neste momento que aumenta o interesse de educadores, pais e profissionais de comunicação pela programação que se destina a crianças e jovens. O contexto político opressor favorece a abertura de espaço para programas nacionalizados.

Paralelo a esse contexto, a Rede Globo de televisão oferece programas dedicados ao público infantil bem-sucedidos como Sítio-do-Pica-Pau-Amarelo e Vila Sésamo, que já apresentavam características educativas, diferentes dos “enlatados” importados dos EUA

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação Educativa, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

que também faziam parte do universo televisivo dessa época em função dos interesses comerciais. Capparelli afirma que desde os anos 70 " *a Rede Globo tem um quase monopólio da audiência no país*"².

O TV Globinho aparece como mais uma opção educativa na grade da emissora, com linguagem jornalística (gênero telejornal), pela primeira vez dirigida exclusivamente para crianças, com a responsabilidade de informar e, ao mesmo tempo, levar conhecimento mostrando as riquezas naturais, culturais e os problemas do Brasil daquela época para a garotada. Em uma emissora que já havia conquistado boa parte dos telespectadores adultos foi fácil inserir um programa destinado ao público infantil, já produzi-lo e editá-lo foi mais complicado.

O programa apresentado pela jornalista Paula Saldanha agrada e atinge boa audiência, que passa a ser cativa em função de sua qualidade e linguagem atraente. O Globinho, em sua primeira fase, também se destaca pela capacidade de entreter com filmes de animação de vanguarda. A respeito disso a apresentadora afirma o seguinte: "*A sessão de filmes de animação e desenhos animados (de vanguarda) como o Mio e Mao, o Vermelho e Azul, a Areia, a Linha e o Barbapapa, eram um grand final de cada edição. Depois de muita informação, em formato jornalístico, era hora de um momento lúdico, mas também com qualidade e conteúdo. Os filmes não eram desenhos animados comerciais, de burrice e violência. Eram escolhidos a dedo, entre as melhores produções da Europa*"³.

Em sua segunda fase, a partir de 2000, o programa perdeu suas características originais e ganhou um formato novo, com seis apresentadoras, uma para cada dia da semana. O papel da jornalista, também pedagoga, que além de produzir era também apresentar ao vivo as reportagens e manter a interação com o público é substituído pelas apresentadoras adolescentes, que passam a apresentar as atrações, fazendo pequenos comentários e conexão entre os episódios dos desenhos, estes em sua maioria com histórias seriadas. As garotas conversam com o telespectador infantil rapidamente e oferecem desenhos importados, em sua maioria, americanos e japoneses, e nenhuma forma de interação ou participação do público através de cartinhas, fax ou *e-mails*. As notícias e os filmes de animação foram descartados. O programa, nesta nova versão, é também

² Venício A. de Lima, Sérgio Capparelli. *Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização*. São Paulo: Hacker, 2004.

³ Entrevista concedida pela apresentadora Paula Saldanha em 2006 para as autoras deste artigo.

cuidadosamente produzido e editado seguindo as orientações formais estabelecidas pela rede. Sendo assim, tentaremos resgatar e mostrar as diferenças fundamentais entre O TV Globinho dos anos 70 e suas novas versões. A atual restringe-se às manhãs de sábado.

TV Globinho: primeira fase (1977-1983)

Jornalístico, divertido e educativo, estas eram as principais características do infantil TV Globinho no início dos anos setenta e oitenta. Um marco para toda uma geração na história da programação infantil da televisão brasileira. Construído para oferecer pioneiramente conteúdos interessantes e de impacto no desenvolvimento físico e mental das crianças, o programa foi transmitido em horários que permitia e respeitava a audiência infantil.

A notícia educativa, ou melhor, a informação no TV Globinho era de acordo com sua primeira apresentadora, Paula Saldanha, o grande diferencial do programa. *“O foco dos editoriais e das reportagens era a criança, o jovem, tudo era pensado para as novas gerações. A linguagem também era bem cuidada, mas nunca simplificada. Caso fosse usado um termo técnico, imediatamente era dada a explicação. O acervo do Centro de Documentação da Rede Globo era utilizado para ilustrar as reportagens e os editoriais. O Globinho era bem rico e dinâmico – por isso mesmo, dava um trabalho muito grande para toda a equipe.”*⁴

Outro aspecto a se ressaltar nesta primeira fase (década de 70) é com relação ao equipamento disponível e utilizado pela equipe, que era de cinema e película. A concorrência com as equipes de outros telejornais também chama a atenção, os treinos de futebol, por exemplo, possuíam uma cota de 400 a 800 pés de filme por reportagem. Em algumas épocas, o TV Globinho tinha cota zero de filme. Era preciso conseguir pontas de película para fazer as reportagens, segundo sua primeira apresentadora.

A jornalista Paula Saldanha merece destaque pela condução e apresentação do TV Globinho na primeira fase, com uma postura séria e ao mesmo tempo divertida, ela interagiu com o telespectador infantil com respeito, honestidade e verdade. Tratava também

⁴ Conforme citação de Paula Saldanha, em entrevista cedida por e-mail para as autoras do artigo em maio-2006.

de ouvir e dar voz para as crianças, uma das principais reivindicações de crianças do mundo todo quando se trata de programas infantis⁵. A esse propósito, no TV Globinho, eventualmente alguns grupos de crianças faziam reportagens ou perguntas, por exemplo, ao Ministro da Educação.

As reportagens eram pautadas também em áreas de subúrbio, mas a dificuldade de equipe e equipamento era enorme, além da apresentadora, outros repórteres - adultos, também trabalhavam em diversas cidades do país para levar a notícia atualizada aos telespectadores do programa.

É importante dizer, todavia, que a formação da apresentadora contribuiu muito para a qualidade e sucesso do programa neste período. Pedagoga formada pela (UFRJ), com formação em música (Pro Arte), artes plásticas (ENBA/UFRJ), *ballet* e com experiência em publicações na área ambiental e literatura infantil, além de atuar por 10 anos como educadora com turmas de 1º e 2º graus e formação de professores, sua incursão no mundo da televisão, sem dúvida, serve de exemplo para corroborar o significado do termo educadores.

Ao trabalhar com a notícia educativa e com a linguagem jornalística, o TV Globinho original pôde educar e despertar a curiosidade dos telespectadores infantis para o entendimento da linguagem de um dos gêneros televisivos, fato fundamental para capturar a atenção de um público que começava a conviver com esta nova realidade, ou seja, neste momento, a TV Globo, inova ao colocar um programa infantil no núcleo de telejornalismo, o qual é sabiamente aproveitado para formar sua audiência, utilizando-se das “brechas” da não censura.

Apesar de suas qualidades, o TV Globinho deixou de ser produzido em 1983, pois a equipe do programa recusou-se a aceitar um quadro com sorteios de brindes realizados por palhaços. O patrocinador ficaria, mesmo com a manutenção do formato original, mas a emissora cede aos encantos da indústria cultural e prefere substituí-lo e dar lugar a novos programas com características comerciais, tais como: Balão Mágico, Show da Xuxa, TV Colosso entre outros. O programa informativo-educativo sai de cena, por falta de uma política cultural que orientasse a atuação televisiva.

⁵MCAHON e QUINN. *As crianças australianas e a mídia*, in CARLSSON, Ulla e Feilitzen, Cecilia (orgs). **A criança e a Mídia – imagem, educação e participação**, São Paulo: Cortez, Brasília-DF: UNESCO, 2002.

Anos 2000 - Uma nova temporada para um novo público

A mudança nos valores sócio-culturais reflete-se na produção televisiva e, principalmente, nos programas para o público infantil. A nova ordem é a globalização e nela, quanto mais cedo se entende a regra do consumo melhor. Desta forma os programas infantis passam a ser adaptados, o atendimento a esta exigência passa a ser a premissa da produção.

O TV Globinho, de “roupa nova”, deixa de lado o seu passado jornalístico-educativo e entra na era da informação sem qualquer compromisso com o conhecimento. Adolescentes são escolhidas para apresentar o programa, representam a diversidade racial brasileira, a alegria e a descontração infanto-juvenil, seu visual é produzido dentro dos perfis da adolescente rebelde, estereotipada pela mídia, inspirada no visual dos ícones femininos da música estrangeira, como, por exemplo, as *Spice Girls*⁶. Isso tudo é utilizado para criar uma empatia com o novo telespectador, este com pouca educação formal no mundo da imagem é facilmente seduzido pelos valores da sociedade capitalista, com algumas exceções.

Seu formato atende aos valores vigentes, as falas das apresentadoras são curtas e restritas à programação, não existe qualquer interesse em inserir a criança e o adolescente no contexto social, a notícia comentada para este público perdeu o seu lugar. Os filmes de animação exibidos voltam-se à tecnologia, à fantasia e a uma realidade mais espiritualizada⁷, onde a magia ajuda a resolver a maioria dos problemas. A “morte” nestes desenhos é ainda mais irreal que nas primeiras animações, onde se batia muito, esticava-se o indivíduo e tantas outras barbaridades aconteciam e as personagens estavam sempre inteiras e prontas para começar de novo. No limiar do século XXI a imortalidade ganha outro sentido, através de pactos com as trevas ou com o bem, de tecnologias alienígenas, a vida parece ser um bem eterno e a infância pode durar por muito mais tempo. Preparam-se

⁶ Grupo de Pop Rock inglês dos anos 90, composto por garotas com visual adolescente.

⁷ Por espiritualizada se entende tudo o que leva o ser humano a buscar sua essência, a qual transcende ao seu lado físico e emocional. A busca do Homem para preencher seu vazio existencial.

as crianças para enfrentar quaisquer desafios, desvaloriza-se a vida em função dos objetivos a serem conquistados, estes sempre subordinados a uma força ou poder maior.

O programa de jornalismo infantil não tem mais espaço na televisão, mesmo sendo interesse da emissora promovê-los num de seus canais pagos. O público, no entanto, não mudou conforme os resultados de pesquisa realizada para o Canal Futura “*os jovens querem saber muito mais sobre mercado de trabalho, profissões, gerenciamento de negócios e vestibular. Querem ter informações sobre cursos profissionalizantes e concursos, ter orientação sobre drogas e sexualidade. Atualidades, idiomas, informações sobre o Brasil e o mundo e informática são também temáticas preferenciais. ... A linguagem deve ser alegre, clara, moleque, colorida, bem-humorada como o próprio modo de ser do brasileiro.*”⁸

O novo formato da TV Aberta, portanto, segue em parte tal diretriz, aproveita-se das orientações relativas à linguagem e se esquece das necessidades formativas infanto-juvenis, pouco interessa, se existe demanda para o uso de uma TV mais educativa, o que importa é manter a ordem vigente e que o capital não perca seus valores. Faz-se necessário ser cada vez mais atraente, mas a conquista deve ser realizada pelo lúdico que apenas afasta a mente em formação de um pensamento crítico que possa ajudá-la a construir seus próprios valores e papéis dentro de sua comunidade. O que se espera é que este telespectador jovem continue a reproduzir o *modus vivendi* atual sem se dar conta de que existam outras possibilidades.

Dentro desse contexto pode-se até pensar nas palavras de Pedro Goergen⁹ “*A sedução é o mais novo, suave e eficiente mecanismo de integração do indivíduo. É a expressão ideológica por excelência do neoliberalismo. O sistema fortalece ao máximo o indivíduo, insuflando-lhe auto-confiança e ilusão de autonomia para que ele não se aperceba da fraqueza que o assalta quando se separa da coletividade*”. Reforça-se assim a idéia de que o indivíduo deve viver ou como pessoa comum dentro de uma realidade ou buscar ser o super herói de sua comunidade e, por que não, em tempos de globalização, de

⁸ PINTO, Mônica Dias. **Futura: o encontro entre Educação, TV e Cidadania**, in Pátio Revista Pedagógica, Ano 4, 12 de fevereiro 2000, Editora Artes Médicas Sul Ltda, Porto Alegre -RS.

⁹GOERGEN, Pedro. **Ética e Educação: O que pode a escola?** In: LOMBARDI, Claudinei e GOERGEN, Pedro (orgs). **Ética e Educação - reflexões filosóficas e históricas**, Coleção Educação Contemporânea, Autores Associados: HISTDBR, Campinas-SP, 2005 (p. 59 a 95)

toda a raça humana. Sua visão voltada para uma glória maior deixa de lado suas necessidades mais prementes, o que importa é o que poderá ser e não mais o que é. O indivíduo passa a ser totalmente alienado de tudo que o possa emancipar.

O poder nas animações desta fase é exercido por uma nação ou por uma única pessoa, a relação dual entre o bem e o mal é mantida como forma de capturar a atenção do espectador com a fórmula tradicional de mocinhos e bandidos. Os de origem asiática utilizam-se de uma base mista de filosofia e tradição oriental, com a eterna busca da ocidentalização, marcada nos traços dos olhos sempre muito arredondados. Os clássicos, como o Homem-Aranha, ganham efeitos novos, a tecnologia abre as portas para que os personagens pareçam cada vez mais reais. A maioria dos desenhos animados desta época buscam dar movimentos e contornos mais humanos para seus personagens. E, ainda é possível sentir empatia pelo pequeno Stuart Little, um rato que é adotado como filho, numa família tradicional americana. Os valores sociais são trocados, o discurso para aceitar as diferenças sociais, sexuais, raciais chega ao extremo, mas as metáforas não são mais tão objetivas como em Tom&Jerry, o rato aqui não tem mais o mesmo valor do rato do pós-guerra.

No ano de 2006 acontecem novas mudanças, o programa perde uma vez mais seu espaço na emissora, a Rainha dos Baixinhos volta a preencher as manhãs e o TV Globinho passa a ter apenas uma apresentadora e espaço aos sábados.

Considerações Finais:

A linguagem jornalística do TV Globinho deixou saudades em função de suas características já exemplificadas neste artigo. O fato é que não se pode negar a qualidade e a importância do programa para as crianças que foram beneficiadas com os primeiros conteúdos informativo-educativos. Desde então nenhum outro projeto similar foi privilegiado na programação da emissora. Os programas destinados ao público infantil valorizam apenas o entretenimento.

A ausência de notícias habilmente elaboradas para o público infanto-juvenil abriu uma lacuna na programação da emissora. As crianças brasileiras, em sua maioria,

dependentes dos canais abertos, ficaram órfãs de conteúdos de qualidade, para que pudessem desenvolver seu raciocínio crítico.

O que se apresenta neste quadro é que embora os desejos infantis revelem necessidades de novos conhecimentos aliada à sua possibilidade de inserção social, a busca de subsídios para que possa vir a ser um ator efetivo em sua comunidade não são atendidos.

Os valores baseados na autoridade, respeito, laços familiares e aprofundamento nos estudos, os quais ajudavam a criança a estabelecer limites e aprender os códigos sociais e dentro de suas possibilidades realizar suas aspirações, têm perdido a sua força, deixando as jovens mentes, ainda vulneráveis, expostas a uma programação fútil, exclusivamente voltada para a diversão e consumo.

As informações chegam à criança e ao adolescente num caleidoscópio de imagens que se repetem, se reproduzem, se expandem. Estas permitem que o indivíduo ainda em formação sinta-se mais inteirado e atualizado que muitos dos que o cercam, suas habilidades com brinquedos e equipamentos eletrônicos garantem essa sensação. Mas que condições tem este indivíduo de olhar criticamente os acontecimentos ou de entendê-los mais profundamente?

Ao negar o direito a uma programação mais educativa automaticamente condena-se o indivíduo a reproduzir os valores de ideologias que não emancipam os grupos sociais. Não estariam assim os ícones do capital triunfando por falta de políticas culturais e educacionais que regulamentem a programação infanto-juvenil?

Quer na escola, na família, na comunidade ou entre amigos, é tarefa de todos, educadores e jornalistas ajudar as crianças a "ler" o mundo e o mundo da televisão como defendia Paulo Freire. Condição essencial para atingir o pensamento crítico e a capacidade para distinguir o mundo editado do mundo real. Ou, ainda nas palavras de Maria Aparecida Baccega *"conhecer seus mecanismos é um dos caminhos para que o jogo sujeito/objeto seja operado num processo de interação efetiva e não de mera subordinação"*.

Referências Bibliográficas

BACCEGA, A. M. *Comunicação/Educação: aproximações*. In: BUCCI, E. (org.). *a TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

CAPPARELLI, Sérgio e LIMA, Venício A. **Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.

GOERGEN, Pedro. **Ética e Educação: O que pode a escola?** In: LOMBARDI, Claudinei e GOERGEN, Pedro (orgs). **Ética e Educação - reflexões filosóficas e históricas**, Coleção Educação Contemporânea, Autores Associados: HISTDBR, Campinas-SP, 2005 (p. 59 a 95)

MCMAHON e QUINN. *As crianças Australianas e a mídia*, in CARLSSON, Ulla e Feilitzen, Cecília (orgs). **A criança e a Mídia – imagem, educação e participação**, São Paulo: Cortez, Brasília-DF: UNESCO, 2002.

PINTO, Mônica Dias. *Futura: o encontro entre Educação, TV e Cidadania*, in **Pátio Revista Pedagógica**, Ano 4, 12 de fevereiro 2000, Editora Artes Médicas Sul Ltda, Porto Alegre-RS.